

É FESTA! E VEM DA RUA! [apresentação]

Makarios Maia Barbosa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5488-2665>

Sebastião de Sales Silva

Instituto Federal do Tocantins (IFT0)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7070-3364>

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n1ID38140

Outro dia a rua me chamou e me disse: “É Festa!” Eu garanto que não sabia o que ela estava me dizendo, mas meu corpo todo se remexeu, num rebuliço profundo, se transmutou e pude vislumbrar saberes de um mundo que não imaginava possível, cheio de alegrias, descobertas, curas, envolvimento e encantamentos. E a rua continuou, agora cantando: “Tudo é corpo, a cena, a rua, a pesquisa, o teatro, a dança, a música, a tradição, os metres e metras... Tudo é corpo!”

A rua, muitas vezes vista como um espaço de passagem, encruzilhadas de caminhos, de problemas e soluções inusitadas, de trânsitos e transversalidades, se revela um palco vibrante onde histórias, tradições e vozes coletivas, ganham vida na perspectiva da investigação sistemática e protocolar.

A Revista Manzuá, periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARc), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), nos convidou a elaborar um dossiê especial abordando temas que desvelasse a produção textual de trabalhos (pesquisas, percepções, produções e diálogos) que se inspiram em ações “da rua”.

Reconhecemos, nisso, o teor profundo da proposta, de profunda validade para a produção de conhecimento, uma vez que a rua congrega, a um só tempo: saberes da tradição, com pesquisas específicas das artes da cena; histórias de

vida de mestres e mestrinas, com práticas poéticas do corpo; formas espetaculares das manifestações culturais, com exercícios, jogos, brincadeiras e propostas de criação de quem experimenta e investiga o corpo, as culturas populares, a cena, as espetacularidades, os trabalhos coletivos e comunitários do teatro, da dança, da performance, do circo, enfim, das artes cênicas.

O desafio foi aceito e o primeiro viés que escolhemos, como parte da compreensão do que seria, para a produção acadêmica “da rua”, foi aceitar o teor festivo e celebrativo do que vem das encruzilhadas, das sabenças tradicionais, das vozes encantadas, enfim, do universo, complexo e múltiplo, do que acreditamos ser algo de valor intrínseco nas artes brasileiras.

Nesta perspectiva, havíamos, também, de considerar as pontes que diversas investigações acadêmicas, já em andamento em vários lugares, faziam com a rua, com os temas livres da cultura brasileira, com afetos e segredos, que só a potência do corpo vido das artes do espetáculo podem conter.

Sendo assim, chegou a hora de apresentarmos “A Festa que Vem da Rua” ou, ainda, a rua como matéria e gozo, memória e prática artística, campo de estudo e afeto que são aqui reunimos através de histórias cantadas, dançadas e narradas, nas tessituras das artes do corpo, e que se constroem no encontro com o outro, no aqui e no agora.

“É Festa que Vem das Ruas” é o dossiê resposta a um imenso desafio, que é dar valor ao que somos como nação e luta. O que trazemos, aqui, visa apresentar e celebrar a rica tapeçaria cultural que emerge das ruas, onde a arte se transforma em um veículo poderoso de expressão e resistência. Assim, podemos crer que as manifestações artísticas que nascem no cotidiano e da tradição, são saberes de Brasis.

O que vemos nesta seleção de textos é um espelho da rua. O que ora disponibilizamos, muito mais do que simples entretenimento, são reflexos e

implicações da identidade e da luta de povos de um Brasil que se reconhece como sabedora, alegria, festividade e conhecimento.

Neste dossiê, apresentamos a importância dessas práticas artísticas como formas de resistência cultural, pertencimento e fortalecimento comunitário. Buscaremos, também, dar visibilidade à diversidade e à pluralidade que caracterizam essas manifestações, ressaltando como elas dialogam com questões sociais contemporâneas e contribuem para a construção de uma sociedade plural, festiva e que vislumbre a rua como uma espiral de sabenças, mandingas, gingas e brincadeiras constituídas na arte do encontro.

É assim que abrimos esse dossiê, celebrando a rua e seus ensinamentos. Como quando nos deparamos com a “DANÇA DE SÃO GONÇALO DE AMARANTE”, que Victor Hugo Neves de Oliveira vem nos trazer, compartilhando reflexões sobre essa manifestação, em que debate “as principais diferenças estabelecidas entre a prática da dança ora produzida como pagamento de promessa, ora como ato de representação”. Ou nas trilhas da aprendizagens do corpo nas rodas de e brincadeiras populares, que Eloisa Domenici e o Mestre Tião Carvalho (José Antônio Pires de Carvalho) nos apresentam em seu: “ÉTICA/ESTÉTICA DAS GINGAS”, refletindo “com as experiências dos autores, principalmente de duas maestrias, na Capoeira e no Bumba meu boi, [podem corroborar] a formação ética/estética” [argumentando] “que tudo está interligado, ou seja, a aprendizagem ética/estética nessas rodas e o papel do corpo nesses processos”.

E a festa da rua é coletiva, no aspecto mais estrutural ou simbólico, como nos mostram Marco Antonio Pedra da Silva, com o seu: “A DRAMATURGIA COLETIVA DA PEÇA DE TEATRO URGENTE (2016)”, em que analisa “a dinâmica coletiva na criação da dramaturgia da peça Urgente (2016), escrita por dois grupos teatrais - Cia. Luna Lunera (MG) e Areas Coletivo de Arte (RJ)” e Éric Ignácio de Medeiros, nos estudos das transcendências dos ritos que se

estabelecem nas tradições religiosas de matrizes contra coloniais, com o seu: “E O MITO SE FEZ CARNE, E PERFORMOU ENTRE NÓS”, em que trata da reescritura cênica dos mitos, desvelando “algumas camadas acerca do conceito de mito, na contramão de uma visão fixa, universal e arquetípica que, muitas vezes, a ele é direcionada, refletindo acerca de sua contribuição para as artes da cena, através do seu caráter performativo, bem como da importância de suas reescrituras na cena contemporânea.”

O mito e o rito são coisas que, a partir da rua, tem mais sabores e mistérios, como em: “DE NORTE A SUL DO TOCANTINS: BOSQUEJOS DA CULTURA POPULAR”, quando Sebastião de Sales Silva, Adílio Jorge Sabino e Sara Carolyn Marques Moraes Chaves nos oferecem um banquete em forma de ensaio memorialístico que apresenta manifestações centenárias das culturas do popular que emergem no Tocantins, unidade federativa mais nova da união, [num] “estudo [...] autorreferente e [que] se organiza de forma memorialística a partir dos saberes e fazeres culturais de nosso Brasil Central – terra de cerrados, danças e teatralidades que falam de povos que cantam, rezam, mandigam, celebram e espiralam seus corpos e ancestralidades no cruzo de um tempo que metaforicamente dança e brinca como uma criança em dia de chuva.

A rua é, sem dúvidas, o lócus do mistério e das invencionices poéticas da tradição oral, como em: “ENGRENAGENS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA RELEITURA CÊNICA A PARTIR DO CORDEL O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO”, de André Sátiro, que nos “apresenta os processos de construção do espetáculo Misterioso, que propõem uma releitura da literatura de cordel “O Romance do Pavão Misterioso” para crianças e adolescentes, [fazendo dialogar] leituras em torno do conceito de ator narrador sob a perspectiva da pesquisadora Nara Keiserman.

No entanto, a festa que vem da rua também é complexa, como em: “RODA E CYPHER - CAPOEIRA E BREAKING”, quando Lara Machado e Viola Luise Barner nos apresentam um ensaio primoroso, que promove “um diálogo entre os espaços onde acontecem as culturas da capoeira e do Breaking, a partir das vivências, [de uma] escrita [que] relata experiências, conta histórias, desenvolvendo pensamentos para a dança em suas movências, jogos, lutas, disputas e criações.

Entrementes, a rua também é sistemática, trabalho contínuo de agentes coletivos das artes da cena, como nos mostra Marco Aurelio Pla Gil, em “CASA CHEIA: RELATOS DE PARTILHA E CONVIVÊNCIA”, em que nos “apresenta como aconteceu a realização dos ensaios abertos do espetáculo “Casa Cheia”, realizado pelo Núcleo de Criação da Teatraria ao Cubo [...] na cidade de Porto Alegre [nos revelando que o espetáculo] nasceu da proposta de um ‘curso-montagem’ com duração de um ano [com base] no sistema Viewpoints de Anne Bogart e Tina Landau [e vem nos] destacar a importância da partilha do processo criativo como público como uma forma de convívio através do teatro.

Não sem motivos, a rua também é um afeto profundo. Como emerge no texto “CARTA ABERTA PARA VOVÓ”, em que Carlos Henrique Vidal da Silva apresenta a dança do cachimbo e do café preto, tentando nos “traduzir o significado do amor que [herdou] de [sua] avó” [detalhando] “o processo criativo de uma performance que foi apresentada em Aracaju [Sergipe], como forma de homenagear [sua] avó”. As memórias afetivas emergem como saberes nessa descrição, em que se “proponho refletir como a força da cachimbada dos pretos velhos, a modelagem do homem pelo barro de Nanã”.

A rua transcende os lugares. Onde há vida, necessariamente, há caminhos. A rua é caminho aberto no universo. Desde o corpo à matéria onírica; das encruzilhadas da Ribeira, à Argentina. Como nos ensina “SONHO JUNTO, COMIDA COMPARTILHADA: TEATRO COMUNITÁRIO NA ARGENTINA E NO

BRASIL”, de Luciana Mitkiewicz, que “propõe uma reflexão sobre o conceito de teatro em comunidades no Brasil em uma perspectiva comparativa entre o chamado teatro de vizinhos nascido na Argentina e algumas práticas brasileiras, especificamente, o trabalho de dois grupos teatrais cariocas, a Cia Marginal e o Coletivo Bonobando, para perceber aproximações e distanciamentos entre poéticas, processos e procedimentos artísticos aqui e lá observados, e as relações que estes grupos tecem entre arte e política, corpo e território”.

A rua é carnaval, “Seja em Paris ou nos Brasis”, seja na Bahia, no Rio, em Olinda ou no México. Renata Celina de Moraes e Daniela Maria Amoroso bem nos mostram isso, com o seu: “O VAI E VEM DE LOS CHINELOS NO CARNAVAL MEXICANO”, em que denunciam o corpo em expressões populares. Nesse vai e vem, as autoras refletem “a partir de uma pesquisa de campo na cidade de Tepoztlán, no México, em que as pesquisadoras vivenciaram a experiência do corpo estrangeiro na troça carnavalesca denominada Los Chinelos” [objetivando] “reforçar a relevância da experiência do corpo como acontecimento na investigação das danças populares por enriquecer as percepções [...] construídas por presenciarem durante a festividade, circunstâncias de enfrentamento ao determinismo e a padrões paradigmáticos que podem provocar a redução da experiência investigativa”.

O carnaval que a rua nos oferece é rito. Como nos mostram Marco Aurélio da Cruz Souza e Thiago Silva de Amorim Jesus, em “A CONDIÇÃO RITUAL DO ACONTECIMENTO CARNAVALESCO”, que discute a inversão e extraversão, conceitos singulares usados para “discutir ideias que assumem e compreendem a condição ritual inerente ao acontecimento carnavalesco” [...] “uma articulação conceitual entre pensadores do campo da cultura [com] algumas características do fenômeno carnavalesco de rua, sobretudo os desfiles de escolas de samba do carnaval brasileiro”.

Apoteoticamente, do carnaval da rua nascem patrimônios da nossa existência, como nos mostra Ana Valéria Vicente, em: “EM EBULIÇÃO”, em um texto que é uma compreensão somática do carnaval com frevo, [entendendo] a festa como espaço-tempo de construção e transmissão de conhecimento, apresentamos uma síntese fruto de um trajeto de pesquisa por dentro do carnaval de Olinda [acompanhando] foliões que têm na cultura do frevo um modo de brincar guiados pela prática dessa dança vigorosa e pulsante.

Em AS DANÇAS-CANÇÕES NYANEKA NA PREPARAÇÃO CORPÓREO-VOCAL DO ATOR ANGOLANO, os autores apresentam os saberes que vem da África, da nossa grande mãe – uma terra que dança, canta, batuque e confluíu para um fazer artístico no aqui e no agora. O texto elucida a pesquisa prática desenvolvida pelo Grupo Bimphadi, especialmente as danças-canções, decorrentes das manifestações culturais nyanekas, suas particularidades e os elementos espetaculares que podem ser ressignificados na preparação corpóreo-vocal do ator angolano. O artigo é um convite para pensar as danças-canções como uma reflexão da consciência corporal do ator e da busca incessante de compreender o seu povo a partir do teatro ritual. Destarte, apresenta-se como uma forma de deixar registrado os saberes, o corpo ritualizado em danças-canções do povo angolano. Os autores apontam caminhos, marcam o cruzo ritual na busca incessante do autoconhecer-se, desde o ventre de África, uma terra de sentimentos, de emoções e de um povo que canta, dança e batuca a sua própria história.

Convidamos vocês a embarcarem nesta jornada de descobertas e reflexões sobre a arte que vem das ruas. Que este dossiê sirva não apenas como uma fonte de conhecimento, mas também como uma inspiração para todos nós valorizarmos e reconhecermos a riqueza cultural que nos cerca.

Nosso dossiê é um convite ao saber com sabor.

É festa, e vem das ruas!